

# Resenha

## CRIANÇA E POESIA NA PEDAGOGIA DE FREINET

A autora parte de sua experiência, quando criança, de ver sua essência poética aos poucos substituída pela racionalidade de seus professores; a terra não é azul, mas verde, marrom, cinza: o mundo da lua infantil deve, quanto antes, adequar-se aos pés no chão do sistema escolar. Alheia a esse dogmatismo, Kirinus mantém viva sua *natureza mito-poética*, até sua segunda chance de visitar a lua no que ela afirma ser sua viagem à terra verde (Brasil). Nesse momento, já do *outro lado* do espaço ensino-aprendizagem, ela inicia seu trabalho poético em sala de aula, segundo ela, em muito facilitado pela aptidão natural das crianças para fazer o trajeto *terra-lua-terra* e porque *a poesia é uma língua materna universal*. Trabalho de grande fôlego, do qual a autora divide os louros com Luiza Vienna (MCE), Eliana Yunes (PUC-RJ), Maria Thereza Strôngoli (PUC-SP), com os antropólogos do imaginário Octávio Paz, Gilbert Durand, Michel Maffesoli e, o que justifica o título de seu trabalho, Célestin Freinet. São ainda dignos de nota Eduardo Galeano, Giambattista Vico, Ernest Cassirer, Alfredo Bosi, Max Muller, Paula Montero, Celso Luft, Rolando Benenzon, Alison Elliot, Pedro Lyra, Gabriela Mistral, Júlio Cortázar, J. Huizinga, Sigmund Freud, Gianni Rodari, L. S. Vygotsky, Maria Nosella, Marisa Lajolo, Lígia Averbuck, Vânia Resende, referências teóricas que, dentre outras, norteiam sua prática *entre-viva* com a linguagem poética tanto na sala de aula quanto no projeto *Lavra-Palavra*.

Sua tese parte da *natureza* mito-poética do homem, embasada na tendência originária do humano para a *poiesis* (oráculos, rezas, desenhos, cantos, etc.) e, ao longo da história, tornada linguagem. Assim, o homem desde os primórdios de sua existência (Pré-história, antiguidade clássica, Egito antigo, América pré-colombiana), deixa patente seu encantamento diante da arte. Mas essa *natureza*, conforme não poderia deixar de ser, nasce com cada indivíduo – é o que mostra a análise

### Biografia

Peruana radicalizada no Brasil, Glória Kirinus é formada em Letras, Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP); autora de *O camelo e o camelo*, *O galo cantou por engano* e *Tartalira* dentre outros, ela é atualmente criadora e coordenar do interessante projeto *Lavra-Palavra*, um curso itinerante que objetiva levar à sala de aula sua tese de que *a criança é naturalmente, e antes de tudo, poeta*.

empreendida pela autora da relação entre a mãe e o filho. Desde o ventre e ao longo da tenra infância a criança adentra o mundo da linguagem que é, inicialmente, poética, calcada nas canções de ninar, no folclore coletivo e na estrutura verbal intuitiva. A carga emocional da relação mãe-filho é a antecâmara da linguagem, o primeiro e fundamental passo rumo à poesia, seguido obviamente de um segundo: as cantigas de roda e a imitação, bastante comuns nas brincadeiras das crianças. A autora mostra a íntima relação, nesse âmbito, entre o prazer poético, a rima, a repetição e os gestos com a nascente linguagem na criança, fato que marcará sua natureza poética quando ela alcançar a idade escolar.

É justamente na Escola, já o vimos no relato da autora, que a *terra não pode ser azul*, e que as viagens terra-lua-terra se tornam escassas. É preciso *espantar as cigarras* (o poeta nasce na criança, assim como a poesia do adulto); é o que fez Platão no séc. IV aC, e é o que busca o projeto utilitarista de nossa sociedade. A autora cita ainda outros exemplos paradigmáticos da história da filosofia, tais como Descartes, Comte, Pascal e Espinosa, e seu trabalho de racionalização da linguagem e do conhecimento em detrimento da poesia. Assim, nosso tempo opõe radicalmente produção da vida e o lúdico (*domingo*), enquadrando o indivíduo no nefasto espaço da formiga, do raciocínio lógico, da linguagem objetiva; a cigarra ainda é o inimigo a ser combatido e, se conforme o dito popular *o mal se arranca pela raiz*, nada mais adequado de que tal combate se inicie na formação escolar. A sociedade do progresso, a fim de manter sua ideologia, não mede esforços para enquadrar, para enformar (informando) e adequar a criança que será, em pouco tempo, o homem que fará o mesmo com outras crianças e, assim, será mantido o estado de coisas.

Não há espaço para a cigarra em nenhuma de suas acepções; a criança será adaptada, o poeta será expulso da República. E o professor *cigarra*? Aquele que é menos preso à burocracia, aos horários, à disciplina? Também ele deverá adequar-se ou será expurgado. Trata-se do trabalho feito por muitos *poemas e textos literários*, dentre os quais a autora cita Bilac; a presença *exemplar* da formiga nos textos poéticos infantis é imensa, e seu efeito sentido na considerável perda da natureza poética infantil. Claro está que o adulto não passará ileso por esse estágio, o que não apenas fará dele mais uma formiga alheio à sua natureza poética (que ficou esquecida, esmagada pela racionalidade utilitarista da sociedade do progresso), mas também um ferrenho espantador de cigarras, seja no meio em que vive, seja na escola de seus filhos. Nosso tempo criou uma tal situação na qual não há lugar para o lúdico, para o domingo, para a cigarra; viva as formigas!

No ambiente escolar a medida restritiva do ser poético humano se inicia com a fragmentação do saber; a autora, sob o curioso título de *cada macaco no seu galho*, mostra que o binômio cartesianismo-positivismo dividiu o homem em instâncias e, cada uma dessas, deve corresponder a uma *disciplina*. Desse modo a

curiosidade, arco circunscrito ao nascedouro poético *natural* do ser humano, passou a ser compartimentada: as questões devem seguir uma ordem pré-estabelecida. O saber é dividido e especializado; o holismo vivo da criança deve obedecer às regras, disciplinas, horários. Recorrendo a Freinet, a autora discorre sobre o indivíduo quebrantado pela divisão do saber que é, no limite, dilaceramento do próprio homem, ou como diria o teórico, *migalhas de homens*. O imaginário, o sonho e a poesia ainda são mantidos nesse estágio, porém, também esses terão seu compartimento; mas de que modo compartimentar o *infinito*? Como enquadrar o saber *invisível, intocável e intuitivo*?

Claro está, a crítica da autora é direcionada ao racionalismo e ao positivismo, ou a tantos outros *ismos* que separam *um lugar* para o saber poético natural da criança. Assim como as demais disciplinas estão reclusas aos diques de seu conteúdo, a poesia deve, segundo essa perspectiva, ser mensurável; são atribuídos *conceitos* (ou notas, de 0 a 10) ao saber poético. O holismo, o sincretismo, a visão global desenvolvida até a idade escolar são substituídos pelas migalhas do currículo, das disciplinas, do conceito; o saber toma um aspecto centrífugo pelas mãos do professor que, malgrado sua condição atual, teve seus dias de *ver a terra azul* (também ele, sendo *humano*, é naturalmente poeta). A pedagogia *ordeira* impede o lúdico, o sonho, a poesia; restam dogmas, ordem, progresso, razão, e a cigarra pisoteada em cada criança, morre um pouco cada dia. Pior de tudo, sem autocrítica da *escola*, que mantém sua *ciência da escada* e desconsidera todos os outros caminhos (um salto, por exemplo) que também poderiam levar de um ponto a outro.

É justamente no ambiente escolar que *o jogo pára*, levando o ser poético do aluno ao adormecimento. Entra em cena não apenas o saber por compartimentos, mas especialmente a *caneta vermelha* – lobo mal da reprovação. Pior ainda, seguindo o caminho da razão instrumental, inicia-se a repetição e as punições; as *palavras mágicas*, círculo encantado e poético vivido até então, são banidas, restando ao aluno as regras de gramática, a grafia correta e a frase estruturada. A estranha mutação da cigarra em formiga tem, nesse momento escolar, o *corte das asas* como seu prelúdio; o pior ainda está por vir: o *aluno-tatu* que o diga. Mas como isso é possível, nos pergunta a autora, se o responsável pelo *encontro* do aluno com a poesia é justamente o professor? E não haveria nisso muito mistério, afinal tanto o aluno quanto o professor *são* seres com tendência natural para a poesia. Mas, não nos esqueçamos, trata-se de uma sociedade de formigas: na sociedade de progresso não há lugar para o lúdico na sala de aula – e essa opinião é generalizada: pais, professores, diretores... O sistema educacional deve formar (o termo já é discutível) para uma sociedade das formigas do vestibular, exclusivamente para a repetição e a memória.

Mas nem tudo está perdido, ou melhor, o futuro sempre em aberto convida (o convite é da autora) a escola a recuperar *ser mito-poético* que circula o

universo, o *homem integrador e integrado com e na sua ambiência*. Noutras palavras, convida a superar o dogmatismo cartesiano-positivista que mutila as múltiplas faces e potencialidades humanas; a dicotomia trabalho-lazer, presente em nossa sociedade, é um dos exemplos utilizados pela autora. Mas esse homem dividido e dilacerado perde, na verdade, *sua* natureza poética: resta-lhe *isso ou aquilo*. A autora, fundamentada em Freinet, reafirma a insalubridade educacional do *ou*, colocando em evidência a importância do *e* – o aporte, dessa feita, é a filosofia oriental que, ao invés de pensar o isto e o aquilo (entenda-se, ser poético e ser racional-positivista) como opostos, pensa-os como *complementares*. Dessa feita, longe da anarquia que se poderia daí deduzir, sua proposta indica para o diálogo e a convivência, por certo mais profícua, do lúdico e da informação.

Ainda, a autora apresenta práticas desse sincretismo que mostram sua viabilidade: as conversações do Colóquio de Córdoba, a etnomatemática e o projeto Pão e Poesia. Porém, se tanto os sábios do colóquio quanto o padeiro vêem uma saída que una aspectos considerados estanques da vida (física e poesia, ou pão e poesia), como isso se dá na Escola? É preciso notar que a empreitada que busca *re-ligar* o homem a si mesmo, recompondo no caos de suas migalhas o cosmo de seu ser, não está restrito aos colóquios ou padarias, mas o *ser mito poético* resiste entre alguns intelectuais (Affonso Romano de Sant'Anna), nos contadores de histórias, nos jogos infantis e naquilo que seria a *poética do cotidiano*. Os *sábios tecedores*, ao modo da criança, tecem novos meandros e permitem o remito, a reconstituição (mais que reconstrução) do homem total. Seja como for, a pergunta continua: e o espaço escolar?

A resposta é otimista. Existem escolas nas quais *a consciência do futuro iminente se anuncia*: primeiro mundo, terceiro milênio, terceira onda, era aquariana, ano dois mil... Mas uma escola preparada para receber o aluno do futuro (que forme o futuro, ou pelo menos não deforme o ser naturalmente poético da criança) deve apresentar mais que um nome garboso. Ela deve superar o esfacelamento, recuperar o mito e o ser mito-poético, superar a estratificação pedagógica e a pedagogia da formiga. De modo prático, o *Ateliê de Literatura* é um ótimo ponto de partida para recuperar a poesia infantil, seu prazer e seu encantamento ante as palavras e as coisas; pudera: Freinet concorda com a noção de natureza mito-poética da humanidade e propõe, em sua pedagogia, o resgate (ou a não deturpação) dessa potencialidade infantil.

Por fim, o projeto *Lavra-palavra* é a semente desse renascer da inteireza do humano e da possibilidade da manutenção da criança em sua completude. E, conforme frisa a autora, não se trata de *ensinar* os professores do ensino fundamental a maneira adequada para lidar com o trabalho poético em sala de aula e, muito menos, de lhes passar um método diretivo (o trabalho teria, obviamente, que superar

a pedagogia da formiga). Trata-se de resgatar no professor seu ser mito-poético, escondido nalgum recanto de sua formação escolar e pedagógica – a exposição do que poderia ser a primeira reunião do projeto o mostra suficientemente. A questão passa por recuperar, inicialmente no professor, o olhar encantado que é dele e que foi pisoteado pela dilaceração já explicitada; e se isso obtiver sucesso, o demais já está feito, e a poesia retomará seu lugar na vida escolar, afinal, não é o professor responsável por intermediar a relação entre a criança e a poesia? Só que dessa feita ele o fará de modo intuitivo, de modo lúdico, de modo *domingueiro*. Isso possibilitará para a criança a manutenção e o desenvolvimento de seu ser poético, assim como permitirá que o professor recupere sua natureza mito-poética; o primeiro passo para o resgate da *poiesis* humanamente humana estará dado.

\*\*\*

Inicialmente, é preciso dizer que essa crítica foi formulada por uma formiga: meu ser formiga, que há décadas pisoteou a cigarra até torná-la nada mais que uma lembrança fugidia; e, depois, reencontrou a poesia e a arte já devidamente guardadas em seus compartimentos, em seus estilos e períodos literários, com suas referências teóricas e seus antecedentes. Noutros termos, a poesia em sua migalha, longe da *natureza mito-poética* que segundo a tese defendida em *Criança e poesia na pedagogia de Freinet*, é minha, e que ficou esquecida nos meus longos anos de *enformação*. Talvez por isso, a primeira leitura que fiz desse instigante trabalho da Dra Gloria Kirinus tivesse por objetivo buscar *algo* a ser *criticado*. Desconsiderando o ideal holístico, plural e poético impresso pela autora, minha leitura consideravelmente racionalista encontrou na idéia de *natureza* poética um ponto central de discussão: podemos considerar o pressuposto de uma *natureza* humana um ponto de partida válido? Na mesma esteira de raciocínio lógico-esmigalhado, pergunto: seria a demonstração a partir da história da humanidade e da relação entre mãe e filho suficientes para defender a idéia de uma tal *natureza*?

Nota-se que a maneira de indagação contraria a essência do trabalho em questão. É óbvio que isso não significa nenhuma espécie de irracionalismo ou carência de cientificidade do trabalho da autora, mas, ao contrário, o claro reconhecimento da discrepância entre a pluralidade requerida por sua tese e os vários compartimentos nos quais eu poderia encontrar ecos do que foi lido; ou melhor, porque tal crítica cartesianamente busca o fundamento de sua tese e não encontra outra maneira, que não o racionalismo, para fazê-lo. Fundamentação, embasamento, demonstração, provas... Tudo o que uma formiga precisa saber. Mas, e isso é patente no brilhante encadeamento do livro, *a terra é azul* quando vista da lua, ou seja, o fundamento das questões encharcadas de positivismo que poderiam

ser formuladas carece justamente da parcela do saber, que antecede o ser formiga, para sua formulação. Ou simplesmente, resgatar o *poético* natural do homem exige, ao menos, algum distanciamento do âmbito da razão instrumental. De outro modo, como *fundamentar, embasar, demonstrar ou provar* o mítico, o poético, o sonho, o imaginário, a vida?

É preciso dizer mais: racionalizar o trabalho da Dra Glória Kirinus, no sentido de quantificá-lo, enquadrá-lo ou guardá-lo em compartimentos seria cometer uma petição de princípio, um dos erros mais inadequados na ótica positiva. Enfim, recuperar o *domingo* exige não vivê-lo como uma segunda-feira. Mas a razão é implacável: a formiga, mesmo aos domingos, carrega suas folhinhas para seu ninho. Por que a autora lê a filosofia apenas em sua vertente *formiguista* (para arriscar, eu também, um neologismo)? Ora, de Platão, passando por Descartes, Comte, Espinosa e Pascal, parece que a filosofia teria como objetivo castrar o *poeta*, suprimir o *domingo* – mas antes de ser um veneno para cigarras, a filosofia nasceu uma cigarra. Lembremos dos poemas de Heráclito, de Kierkegaard, dos Frankfurdianos e do Romantismo alemão... Há cigarras no formigueiro da filosofia. Poucas, combatidas e sempre que possível eliminadas, mas que as há, há. Um princípio do racionalismo, *pesar razões conflitantes* para dar-lhes o julgamento *verdadeiro*, necessita ser recuperado, ainda que sua pseudo-tolerância esbarre na impossível convivência dos contrários; isso certamente exclui o sincretismo da proposta da autora e, na outra face da moeda, desqualifica o racionalismo enquanto ponto de partida para criticá-la.

A Razão busca a verdade, e o livro de Kirinus mostra, justamente no ringue racional, que esse é o maior erro do racionalismo; para defender suas verdades essa filosofia se preza por mostrar os limites do pensamento oponente. O resultado do racionalismo, e é ao que leva uma leitura atenta da obra da Dra Kirinus, é a divisão do saber em disciplinas e o dilaceramento do homem: alma-corpo é sua expressão mais clara. Quando uma criança expressa seu encantamento ante uma palavra que de algum modo expressa algo que ela, também encantada, encontra no mundo, isso seria resultado de uma ação anímica ou física? A dança de roda pode ser creditada *apenas* à ação de impulsos elétricos sobre uma matéria? Teriam razão os grandes *fatiadores* da cultura que são, na verdade, dilaceradores do humano? Ou os teóricos da educação e, mesmo, os trabalhos da psicopedagogia já teriam mostrado suficientemente que o homem é, antes de tudo, um complexo que exige superar o dilaceramento promovido no ambiente escolar?

Nesse aspecto, devo dizer, o trabalho de crítica ao racionalismo e à multipartição do humano empreendido pela autora encontra ecos em todos os campos do conhecimento. É patente, após a leitura da obra em questão que o homem é, inegavelmente (não importa o âmbito em que o apreendamos), um ser poético; em tempo, suprimo o termo *natureza* para evitar o mal entendido

supra-citado. Como negar essa tese? A autora recorre à antropologia de Maffesoli para mostrá-lo, mas devo dizer, não está aí seu mais forte argumento. A simples (e extremamente agradável) leitura do texto, recheado de quadrinhas, de cantigas de roda e de poesia, leva o leitor ao contato com sua mais íntima infância, ainda que adormecida, superando em muito todos os argumentos racionais que se lhe pudesse opor. Como ficar indiferente se, dentre argumentos sisudos e sistêmicos, encontra-se “*Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...*”, já que a simples evocação dessa música faz o leitor se sentir de mãos dadas com outras pessoas, rodando e cantando ou, ao menos, batendo o pé? Ou ao singelo “*Hoje é domingo...*”, do qual o leitor apenas consegue parar quando “*acabou-se o mundo*”?

Seguindo meu ser formiga, que dentre outras coisas aprendeu que uma boa resenha deve *indicar* o público alvo, é preciso fazer uma consideração: o livro se destina a todas as pessoas que trabalhem com educação, seja no nível inicial, fundamental, médio ou superior. E, também, uma recomendação: para sua leitura é requerido o trâmite pelas línguas latinas (espanhol e francês) e conhecimento de inglês, ou, o que também resolveria, bons dicionários. Mas de que modo manter uma visão tão fria após o deleite dessa obra? Então eu reformulo (já, de algum modo *transmutando-me em cigarra*), e recomendo esse livro para todas as áreas do conhecimento e, enfim, para todas as pessoas que tenham a oportunidade de lê-lo, afinal, se se trata de holismo, seria um erro pensar que esse livro está restrito a apenas uma parcela do conhecimento; mais, se toda a humanidade participa da natureza mito-poética, é uma grave contradição não recomendá-lo a todos, sem exceção. Por fim, isso requer retirar a recomendação supra-citada, haja vista que mesmo os leitores que não conheçam línguas estrangeiras certamente sentir-se-ão *encantados* com as citações que, racionalmente, talvez não entendam.

Enfim, um texto magistral que tem, é verdade, sua aplicação prática: estou certo que se ele tivesse sido publicado trinta anos atrás e, por conseguinte, tivesse sido devidamente levado a sério, essa resenha seria diferente. Não há como negar que após a leitura desse trabalho também eu gostaria de dosar, da maneira que faz a autora, minha crítica com poesia; o texto defende uma tese, mas o encadeamento poético de suas linhas encaminha o leitor para o *mundo da lua*. Assim, inverte a ordem das razões: trata-se de um livro poético sobre poesia, que transmite e defende uma tese de extremo interesse, abrangência e urgência. Concluindo, recorro à *natureza mito-poética* filosófica que, nada mais foi em seu início do que encantamento verbal ante as coisas encantadas; e cito uma das primeiras tentativas de compreender o encantamento das coisas, que se mostram muitas (assim como seria o homem esmigalhado), embora sejam uma: “Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante o dissoante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas” (atribuído a Heráclito, Aristóteles, *Do Mundo*, 5.396 b7).

## REFERÊNCIA

KIRINUS, G. *Criança e poesia na pedagogia de Freinet*. Coleção Comunicar, 2ª Ed. São Paulo: ed. Paulinas, 2004.